

Opinião

So+Centro - Soluções agroindustriais sustentáveis de maior valor acrescentado para a Região Centro

Manuel
A.Coimbra*



A Universidade de Aveiro, em parceria com a Universidade da Beira Interior, os Institutos Politécnicos de Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu e o Laboratório BLC3 de Oliveira do Hospital, organizaram-se para a criação de uma Rede de Competências para o Desenvolvimento Sustentável e Inovação no Sector Agroalimentar da Região Centro, ao abrigo do Concurso para Apresentação de Candidaturas (CENTRO-45-2018-21), do Sistema de Apoio à Investigação Científica e Tecnológica “Programas integrados de IC&DT”, promovido pelo CENTRO 2020.

O consórcio So+Centro envolve 81 investigadores, incluindo 18 bolseiros mestres a ser contratados, e tem como objetivo potenciar os produtos endógenos da Região identificados como casos de estudo, tornando-os economicamente sustentáveis e ainda mais valorizados na e fora da Região Centro. Esta abordagem permite juntar sinergias de investigação dispersas na Região em prol de uma oportunidade de conhecimento e de mercado, a internacionalização das próprias instituições através dos avanços científicos a alcançar e a internacionalização dos produtos a valorizar.



A Região Centro é diversificada quanto ao tecido agroindustrial e território que ocupa. Os pequenos ruminantes existentes em toda a Região oferecem uma variedade de queijos, aos quais se junta o saber fazer que utiliza plantas endógenas como o cardo. Também as maçãs da Região Centro são valorizadas, seja as do litoral, como a Maçã de Alcobaça IGP, seja as do interior como as da Cova da Beira IGP ou a Bravo de Esmolfe DOP. A viticultura e a produção vinícola são setores chave da Região, com potencial na produção de espumantes com base nas castas autóctones, como é exemplo a Baga. Também o pinhão, uma cultura endógena, tem potencial para se tornar um recurso muito valorizado através

de novas práticas de cultivo e de desenvolvimento de novos produtos. Recursos endógenos da Região Centro ainda não domesticados, ou com pouca expressão do seu cultivo, são as plantas aromáticas como a perpétua-das-areias e a murta, assim como a salicórnia, que cresce em ambientes lagunares como a Ria de Aveiro, ou os cogumelos Boletus, que surgem tanto em mata de pinhal como na floresta, e em várias alturas do ano.

Como o projeto, será originado um grande volume de dados sobre os constituintes das espécies a estudar, serão obtidos novos métodos de extração e processamento de resíduos e irá ser obtida uma gama de novos compostos devida-

mente purificados e caracterizados para a seleção de utilizações. O trabalho será disruptivo na análise de aplicações de valor acrescentado para os compostos e materiais identificados, numa visão holística e integrada, pela análise da viabilidade dos recursos, mercado e processos e produtos desenvolvidos.

Para a boa prossecução do trabalho, o consórcio promoverá várias ações que envolverão toda a comunidade, contando desde já com a manifestação de interesse de diversas entidades da Região Centro, como as Comunidades Intermunicipais de Aveiro e Viseu Dão Lafões, a Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro, o COTHN - Centro Operativo e Tecnológico Hortofrutícola Nacional, as Comissões Vitivinícolas da Bairrada e Regional da Beira Interior, a NERGA - Associação Empresarial da Região da Guarda, a ADDLAP - Associação de Desenvolvimento Dão, Lafões e Alto Paiva e a ACRIGUARDA - Associação de Criadores de Ruminantes e Produtores Florestais do Concelho da Guarda.

O projeto So+Centro - Soluções agroindustriais sustentáveis de maior valor acrescentado para a Região Centro é uma ideia da Região para a Região, plena de contemporaneidade, estando proposto o início dos trabalhos em julho de 2019. ◀

*Professor do Departamento de Química/QOPNA-LAQV da Universidade de Aveiro

Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

(H)à educação

Inês Cardoso *
inescardoso@ua.pt



Dizes-me como escreves?...

...Dir-te-ei quem és!

O meu trabalho de ensino, de formação de professores e de investigação em Didática do Português acaba sempre por desembocar nesta questão, que tem, na base, uma adaptação nossa, no ProTextos – um grupo de investigação sobre Ensino e Aprendizagem da Escrita de Textos, em atividade desde 2005 –, do postulado de que “Os limites do meu mundo são os limites da minha linguagem escrita” (Wittgenstein – o itálico é acréscimo nosso). Efetivamente, não precisamos sequer de adentrar em conclusões de estudos académicos para compreender como é forte a correlação escrita – “sucesso” escolar/profissional. Escrever é das atividades cognitivas mais

difíceis de empreender e não se adquire naturalmente como se aprende a falar. Também não pode ser reduzida a um “dom”, a uma “súbita e incontável inspiração”, representação comum em depoimentos que temos analisado. Confundir escrever – criar texto novo – com transcrever também parece ser recorrente; porém, o gesto físico do “escriba” que copia está longe de definir os movimentos intelectuais e afetivos nos quais se envolve quem, querendo escrever, escreve mesmo.

Todo o nosso trabalho no ProTextos (coordenação: Luísa Álvares Pereira) se organiza entre estas dimensões da escrita que assim aflorámos: escrita como criação pessoal, escrita em contextos sociais e escolares, mas uma escrita que implica um processo reflexivo de revisão e de reescrita e que, por isso mesmo, convoca a pessoa inteira. Somos um grupo de professores de vários níveis de ensino, desde o 1.º Ciclo ao Superior. Ensinamos Português como língua materna e não materna. Formamos professores. Produzimos e partilhamos conhecimento por meio de intervenções em contextos sociais, formativos, científicos; escrevemos muitos “textos”, de que destacaria brochuras de autoformação, de ativi-

dades para o desenvolvimento da escrita bem como de outras competências. Experimentamos a escrita em toda a sua complexidade e potência. Grande parte destes escritos e materiais encontra-se disponível para *download* em <http://protextos.web.ua.pt/>, estando o ProTextos recetivo aos contactos de professores interessados em dialogar connosco, em trocar materiais, em discutir possibilidades de trabalho.

A reflexividade que acompanha os nossos próprios processos de escrever e de ensinar a escrever é crucial para as abordagens que, em aula, desenvolvemos com os nossos alunos e que podem assumir vários enfoques. Pode interessar desbloquear para a , fazer experimentar s livres, por prazer, como meio de construção identitária e coletiva. E interessa sobremaneira não deixarmos os alunos reduzidos às interações que geram; acreditamos no que a escola pode fazer pela pessoa e não alinharmos numa “reprodução” de que escreve quem “tem dom” ou quem traz “hábitos de leitura”. Acreditamos no que a escola pode fazer descobrir e experimentar. Sabemos que ler muito não equivale, automaticamente, a escrever bem. Mas sabemos que há modos de (trabalho com a) leitura que podem

ser mais ou menos adjuvantes da produção escritural. Acima de tudo, a experiência com a não pode ficar reduzida ao que os alunos fazem sozinhos ou na dependência do apoio em casa. Pesquisamos e continuamente (re)configuramos dispositivos didáticos que possam envolver o aluno e fazê-lo descobrir vários “quereres” para escrever. E percebemos, por experiência pessoal e validação científica, que “querer escrever” na escola pode ser muito mais ativ(ad)o quando, na escola, se acolhe toda uma “selvagem”, livre, que contribui para a formação do sujeito. Como ensinar “o que (achamos que) o aluno tem de aprender” acolhendo quem ele é e o que já faz com a : eis o nosso “texto” em contínua construção. ◀

* Investigadora do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro e docente do *Camões, Instituto da Cooperação* e da Língua na York University, Canadá

Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico